

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

n. 18, n. 1

RECIFE SOB MINHAS LENTES: Recife plural, histórias diversas, diversas histórias.

Marcos Henrique Lins de OLIVEIRA¹
Vitor Viana Soares NG²
Giovanna Barros Magalhães NUMERIANO³
Maria de Fátima Batista COSTA⁴
Pedro Paulo Viana FIGUEIREDO⁵
Nancy Siqueira Nery⁶
Liliana de Souza ADRIÃO⁷

Resumo

A cidade do Recife é formada pela diversidade de pessoas, circunstâncias, culturas, estéticas e afins, e o modo como cada indivíduo vê a cidade é moldado por suas diversas formações, revelando diferentes perspectivas de um único ponto. A partir desta provocação surge a proposta de uma exposição de fotografias, com mesas de conversa sobre as diferentes perspectivas da cidade do Recife, suas composições e contrastes. O presente artigo é fruto da 1ª Exposição de Fotografias, por tema “Recife sob minhas lentes: Recife plural, diversas histórias, histórias diversas”, realizado na Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA, no segundo semestre de 2023, organizado pelos graduandos Marcos Lins, Vitor Ng e Giovanna Numeriano, sob a orientação da Professora Dra. Fátima Costa. O evento surgiu do diálogo sobre a cidade do Recife e suas múltiplas facetas e impressões de cada morador. O evento contou a exposição de quarenta fotografias de fotógrafos profissionais e amadores, postas no pátio da faculdade, expondo os materiais submetidos por alunos e professores que desejaram compartilhar suas perspectivas sobre a cidade. Além disso, foram realizadas rodas de conversa com profissionais e acadêmicos em diferentes perspectivas, construindo assim uma visão interdisciplinar para a comunidade acadêmica.

¹ Graduando em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA (Recife/PE/Brasil). Email para contato: marcoslins.arq@gmail.com

² Graduando em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA (Recife/PE/Brasil). Email para contato: ngvitor.arqurb@gmail.com

³ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA (Recife/PE/Brasil). Email para contato: gi.numeriano@gmail.com

⁴ Graduada em Filosofia (UNICAP-PE), mestre em Filosofia (UFPE) doutora em Letras (UFPE); professora universitária. Email: mfbcostapt@gmail.com

⁵ Doutor em Psicologia Social (PUC/São Paulo/SP/Brasil), docente na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Email para contato: pedro.vfigueiredo@gmail.com

⁶ Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFPE e mestre em Geografia pela UFPE (2012). Docente na Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA. Email para contato: nancy@esuda.edu.br

⁷ Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA (2019). Especialista em Paisagismo pela Faculdade de Ciências Humanas Esuda (2022). Mestranda em Desenvolvimento Urbano (MDU-UFPE). Email para contato: liliana.adriao@ufpe.br

Palavras chave: Fotografia; Recife; Exposição Fotográfica; Percepções.

Abstract

The city of Recife is made up of a diversity of people, circumstances, cultures, aesthetics and the like, and the way how each individual perception of the city is shaped by their diverse backgrounds, revealing different perspectives from a single point of view. From this provocation comes the proposal for the photography exhibition, with conversation around the different perspectives of the city of Recife, as well as its compositions and contrasts. This article is the result of the 1st Photography Exhibition, themed "Recife under my lenses: Plural Recife, diverse histories, diverse histories", held at the Faculty of Human Sciences - ESUDA, in the second semester of 2023, organized by undergraduates Marcos Lins, Vitor Ng and Giovanna Numeriano, under the guidance of Professor Dr. Fátima Costa. The event arose from a dialog about the city of Recife, its multiple facets and the impressions of each resident. The event featured an exhibition of forty photographs by professional and amateur photographers, placed in the college courtyard, displaying materials that were submitted by students and teachers who wished to share their perspectives on the city. In addition, discussions were held with professionals and academics from different perspectives, thus building an interdisciplinary vision for the academic community.

Keywords: Photography; Recife; Exhibition

1. Notas sobre a fotografia: Reflexões das leituras de Walter Benjamin

Autoria: Maria de Fátima Batista Costa

Num texto intitulado Pequena história da fotografia, presente na obra *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre a literatura e história da cultura*, o filósofo e crítico de arte Walter Benjamin discorre sobre a recém-nascida arte-técnica/tecnarte e já bem crescida A SENHORA FOTOGRAFIA, que em meados dos anos trinta, menos de cem anos datadas da sua origem, já havia margeado o perfil da vida moderna pública e privada. Já havia perfilado os contornos de ângulos imagéticos de animais, vegetais, superfícies as mais diversas, cometas e estrelas, realidades invisíveis aos olhos humanos que por milênios foram apenas objeto da imaginação preservando-se como segredo.

O texto, apesar de curto do ponto de vista da quantidade de palavras, fornece uma rica compreensão sobre o fenômeno da FOTOGRAFIA, não pelo recorte histórico em si, facilmente encontrável em qualquer manual de consulta online, mas por apontar o espanto que esta 'nova' e requintada técnica trouxe para a experiência

humana. ‘A história da fotografia desde a fixação das imagens da câmera escura já registrada por Leonardo da Vinci até as imagens factuais deverasmente apresentadas ao mundo Niepce e Daguerre no século XIX, é ainda coberta por uma névoa” no tempo de Benjamin. Desde a marcação das placas na câmara escura até a invenção de fato da fotografia propriamente dita percorre-se um longo sonho e a história do desejo humano de ver-se a si mesmo no instante já que a fotografia capta faz parte deste.

A invenção da fotografia conta no seu início com uma desvantagem que será também uma vantagem. Tão logo desenvolvida como técnica, teve sua descoberta tornada de domínio público, privando os seus autores da pecúnia que poderia advir dessa invenção, por outro lado tal ação permitiu muito rapidamente a apropriação desta técnica por um contingente grande de indivíduos, o que possibilitou a rápida complexificação da técnica até se tornar hegemônica na época em que vivemos. Nosso mundo hoje não se concebe sem a fotografia, até mesmo nossos papéis sociais são pensados como enquadrados em fotografias e postos em molduras que já não duram, são fluidas como fluido é o instante e o já que a fotografia capta aprisionando o passado.

Este novo mecanismo de captura foi rapidamente transformado pelo processo de industrialização, capturada pelos charlatões que em muito se apoderaram da nova técnica para fins lucrativos. Neste cenário, a fotografia pareceu perder o seu caráter estético e temporal. Mas há sempre a resistência da coisa-arte na fotografia que não permite ser totalmente capturada ou banalizada pela facilitação moderna de todo processo de recursos tecnológicos fotográfico.

Se no seu alvorecer fora vista como uma ameaça a pintura, tida como aquela que iria tornar obsoleta toda e qualquer pintura, a fotografia foi cavando seu campo próprio entre a arte e o mercado. Como arte já nasce sobre a suspeita da dúvida, visto que nasce sobre o signo da reprodutibilidade da arte e do sistema industrial, portanto já fazendo perder de saída o caráter de unicidade da obra e irreprodutibilidade da obra. Como mercado a fotografia ocupa o seu lugar de objeto-coisa que se apropria do instantâneo e o transforma em produto disponível nas prateleiras do consumo num tempo breve. Esses dois caracteres, o de suspeição e o de novidade da fotografia marcarão sua história nos mais diversos papéis e

contribuições que esta irá possibilitar para a história humana.

Os antigos álbuns de fotografia finalmente largados no passado por nossa geração, tinham e ainda têm um certo quê de fetiche, de feitiço, porque trazem uma época da qual não temos memória visual para o presente, de algum modo nos dão de presente o passado. A fotografia, carregando o passado fixado na imagem, não é a coisa-realidade no seu acontecer, mas alude a este, aponta para, e deixa que a memória dos vivos complete o resto, daí o seu papel ao mesmo tempo historiográfico e também imaginário.

Sabemos que sempre quando se inventam no novo recurso técnico/tecnológico dificilmente se tem noção de até onde essa técnica pode ir. Quais são os seus possíveis avanços, quais os usos que os homens estarão dispostos a fazer, quais as novas necessidades e desejos que são disparados em decorrência da convivência com o recurso. Isso acontece com a fotografia, se por um lado ela foi acusada de corromper a pintura ou de substituí-la decretando o seu fim, por outro, a pintura se viu livre da obrigatoriedade de transcrever o real tal como este aparece aos olhos humanos, liberando assim das amarras à qual a arte e os artistas estavam submetidos. O caráter imitativo da obra de arte, do binômio arte imita a vida/vida imita a arte há muito dominava a vida da arte e dos artistas. Paulatinamente os artistas e conseqüentemente a arte irão se livrar da compressão da função da arte apenas como produtora da beleza. Esta liberdade face às determinações canônicas clássicas permitiu aos artistas uma infinidade de novos experimentos no campo estético provocando as profundas transformações da arte nos séculos XIX e XX. Para a arte abriu-se um conjunto gigantesco de possibilidades de novos recursos técnicos e tecnológicos de produção ampliação e significação de imagens que passam a dizer as mais diversas realidades a partir de uma infinidade de nossos elementos de linguagem das mais diversas áreas da experiência humana.

Então, apesar de pensarmos que a invenção da fotografia é apenas autorreferente e autocentrada no indivíduo, o seu acontecimento inaugural abre para os homens as tantas marcas de mundos desconhecido que no obscuro permaneceriam não fosse os olhos dos homens através da fotografia. A fotografia, seja a auto fotografia, seja o espetáculo autorreferente dos selfies, a fotografia convertida em clichê que quase parece ter sua função apenas para garantir-nos que

a vida aconteceu, sim! Que você viveu uma situação, um instante, um átimo que seu corpo abandonou e sua memória não guarda. Mas a esperança é que em algum dia em algum lugar talvez se possa ter a possibilidade de rever e se surpreender ao pensar, - sou eu mesmo!? O lugar é este mesmo? O que é esse aí do tempo? Neste sentido a fotografia é portadora de algo que reiteradamente vamos deixando pelo caminho e este evento O recife sob minhas lentes, é um convite a vermos cotidianamente a cidade que deixamos ao passar. Passamos, e fica a cidade, fica a vida que já não é minha, mas nela repousa a marca dos meus olhos presentes nas fotografias que guardam restos de um mundo que foi meu. “No fundo o amator que volta para casa com inúmeros fotografias não é mais sério que o caçador regressando do campo com massas de animais abatidos que só tem valor para o comerciante” (Benjamin, p.104).

*A fotografia capta o instante,
Aprisiona o passado
Tal qual a morte.
Morreste hoje, Irene
Deixastes esta vida numa terça-feira de outubro
manhã de sol ardente de um céu nu quase pornográfico
partiu como chegou,
sem porque ou como,
só sentiu e aguardou o médico. Foi-se.
Sem saber que o dia termina e que não estarás no fim lucido desse dia azul
Fechastes para sempre teus belos olhos verdes
que a partir de hoje pertencem ao fogo
Mas a luz que deles nasceu
Fulgura em imaginários ainda vivos e fotografias pendentes
Aí a fotografia!
Grande responsabilidade para quem carrega o abandono no seu bojo
A dona Irene que se foi em pleno voo.*

2. Cidade modeladora de sujeitos – Sujeitos modeladores da cidade: reflexões sobre o ambiente e suas percepções.

Autoria: Marcos Henrique Lins de Oliveira

Quando comecei a vislumbrar os primeiros lances de ideias sobre este evento, jamais imaginei tomar a proporção que vi ser construída naturalmente a cada reunião de organização. O que, a princípio, me parecia ser uma ideia meio enevoadada de exposição de fotografias, começou a tomar corpo e forma sólida diante dos meus olhos, mas ainda assim – talvez por uma veia de Tomé – só acreditei de fato no momento que vi em minha frente o corpo material do que outrora fora só conteúdo embaçado no campo das ideias.

A princípio, o evento me veio à mente como a ideia de uma pequena exposição de fotografias minhas e de alguns colegas no pátio da faculdade, mas logo que comentei sobre meu desejo com a professora Fátima Costa – nossa maior e mais preciosa incentivadora acadêmica – vi que este projeto poderia e deveria ser ampliado e envolver toda Instituição em uma série de reflexões sobre a cidade do Recife e suas percepções.

Em meus estudos sobre as interfaces entre a Arquitetura e a Psicologia, especialmente a Psicologia Ambiental, consigo observar uma intensa e sensual dança entre os conceitos das não tão distintas áreas do saber, de modo que, embora vejamos bem seus rostos, os passos se confundem na pista de dança e já não sabemos onde termina um e começa o outro, e é justamente essa a beleza da interdisciplinaridade: o rompimento dos limites e o transbordar das áreas de conhecimento.

É interessante observar as formas com que o meio no qual estamos inseridos tem o poder transformador e modelador sobre quem somos, nossa identidade, como agimos e como vemos o mundo, e tudo isso vem como fruto de nossas experiências no próprio mundo, sejam elas positivas ou não (Manzo, 2003; Kuhnen, 2009; Oliveira, Figueiredo, 2023.).

Então, refletindo sobre nossas experiências na cidade e como isso interfere em nossas vidas, chego à afirmação de Hansard (1943, apud Canter, 1975) que apresenta a ideia de que, em síntese, nós moldamos nosso ambiente e posteriormente nosso ambiente nos molda. Se assim o é, me pergunto: o que será que eu imprimo sobre a cidade e o que a cidade tem estampado em mim? Esta é uma pergunta que segue ecoando, ainda sem respostas, em minha mente... Além disso, quando comecei a organizar minhas ideias para este evento, uma das perguntas norteadoras, e a priori subtítulo do evento, “Será que tu vêes o que vejo do mesmo modo como o vejo?” foi minha principal indagação, não apenas em função do evento, mas era já uma inquietação pessoal frente a tantas demandas da cidade, inúmeras arestas soltas a cada esquina e que nos é impossível passar sem esbarrar e até arranhar.

Günter (2003), ao comentar sobre a relação sujeito-espço, afirma que a forma como o ambiente é percebido possui o poder de gerar múltiplos sentidos e estímulos ao mesmo tempo sobre o sujeito. Com base nisso, me pego pensando sobre este ponto e noto, em poucos instantes observando a cidade e suas dinâmicas, o modo como conseguimos encontrar diferentes e contrastantes reações frente a cada faceta do Recife pelas lentes de cada morador. Quer ver isso na prática? Abra seu Instagram e veja alguma publicação sobre qualquer notícia da cidade, vá aos comentários e observe a diversidade de percepções que um mesmo evento pode ter.

Eu, enquanto arquiteto, reflito sobre os projetos urbanos e arquitetônicos espalhados sobre o solo da cidade e me assusto a cada virada de rua com uma nova obra genérica, meramente comercial e tosca. Projetos – se é que assim os podemos chamar – que não refletem a cidade e que, não raro, geram impactos negativos em diversas esferas. Isso me traz à mente um válido questionamento de Botton (2007) que, ao refletir sobre os impactos da arquitetura sobre a psique humana, se pergunta sobre o que acontecerá conosco diante da maioria dos lugares que somos “forçados a olhar e habitar?”.

Acho fantástico quando Cavalcante e Elali (2011) abordam que nos aproximamos dos espaços e vamos aos poucos os transformando e adequando aos nossos usos e gostos, e isso não se restringe apenas aos espaços privados, como

nossas casas e escritórios, mas assim também deveria ser com nossas áreas de convivência pública – termos a liberdade de nos apropriarmos e adaptá-los, claro, diante do possível, aos nossos usos e gostos – e isso, diante de inúmeras consequências positivas, nos resultaria, por exemplo, em índices menores de vandalismo (Del Rio, Duarte, Rheingantz, 2002), que tem sido um problema persistente em nossos espaços públicos, e que tem afetado de modo intenso a percepção dos recifenses sobre a cidade. No entanto, ao que nos parece, vemos cada vez mais projetos de uma cidade em que não aparenta haver a devida reflexão sobre os efeitos de intervenções no lote micro ao serem inseridas no plano macro da malha espacial urbana e que, menos ainda, tem considerado as percepções de que forma e constrói a cidade com suas ideias e percepções.

Embora meus questionamentos e reflexões pendam mais para o lado das questões arquitetônicas e deem tímidos passos sobre o campo da Psicologia Ambiental, acredito que são válidos de serem expostos e refletidos por mais cabeças além da minha, afinal, quem sabe, vocês não encontrem as respostas que estão diante dos meus olhos e eu não as vejo? Retorno à pergunta: Será que tu vês o que vejo do mesmo modo como o vejo? E é com base nela que deixo aqui em tuas mãos a missão de refletir a cidade não apenas sob a tua ótica, mas sob a minha e a do outro que mal conheces – já pensou em sentar com ele para prosear e entender melhor? – e quem sabe isso não nos ajude a limpar nossas lentes um tanto sujas e borradas pela fuligem e poluição da cidade?

Partindo para a fotografia, compreendo que nós comumente registramos aquilo que queremos guardar visualmente – independentemente do motivo, seja ele como uma boa recordação, seja ele como um registro de um crime, por exemplo – a imagem de alguém, algo ou um local. Entendo então que o ato de fotografar é, também, uma forma de registrar de modo físico (ou digital na atualidade) uma percepção que só existe, até então, dentro da mente de quem observa um ponto “x”. Ou seja, ao registrar fotograficamente algo, estou trazendo ao mundo palpável uma visão minha, imaterial, que inicialmente era apenas ideia. É neste ponto, nesse “transpasse” entre percepção imaterial e registro físico que me questiono: o que será que cada pessoa, ao fotografar um determinado ponto,

partindo de sua percepção única e pessoal, deseja comunicar com quem vê a fotografia? Pois, de alguma forma, não se trata apenas do registro para futuras lembranças, mas sim um meio de comunicar algo àquele que vê tal registro.

Se me permites ir ainda um pouquinho mais além, gostaria de te convidar a refletir que, a fotografia é a materialização da percepção de alguém, mas a interpretação da fotografia, para o outro que a vê, será com base na sua percepção pessoal, e não de quem fez o registro. E é exatamente neste ponto que mora uma de minhas inquietações: Será que tu vêes o que vejo do mesmo modo como o vejo? Começo, então, a vislumbrar que a resposta é muito subjetiva para cada indivíduo.

Então, com base em toda essa exposição sobre os moldes que o ambiente gera em nós, somado ao que nós registramos, de modo geral, e o que o outro entende dos nossos registros, surge a ideia da exposição de fotografias e mesas de debates. As reflexões que cada fotografia provocou em quem as viu, acrescidas nas ideias dos textos aqui apresentados por cada autor, não têm outra missão senão provocar o leitor a refletir sobre a cidade e o coletivo, para juntos sairmos um pouco da bolha que vivemos isolados e continuarmos – mas será que um dia começamos? – a construção juntos de uma cidade plural, não só no campo teórico, mas no prático.

Referências Bibliográficas

- MANZO, L. (2003). **Beyond house and haven**: toward a revisioning of emotional relationship with places. *Journal of Environmental Psychology*, v. 23, p. 47–61.
- CANTER, D. An introduction to environmental psychology In: CANTER, D. & STRINGER, P. (eds.). **Environmental interaction, London**: Surrey, University Press, 1975.
- GÜNTER, Hartmut. **Mobilidade e affordance como cerne dos estudos pessoa-ambiente. Estud. Psicol. (Natal)**. Maio/ago. 2003, vol.8, n.2, p. 273-280.
- BOTTON, A. **Arquitetura da Felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- CAVALCANTE, Silvia; ELALI, Gleice A. **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso. **Projeto do lugar**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.
- OLIVEIRA, Marcos Henrique Lins de.; FIGUEIREDO, Pedro Paulo Viana. **Interfaces entre Psicologia Ambiental e Arquitetura**: a importância dos ambientes restauradores em escolas para o bem-estar psíquico. *Humanae*, v. 17, n. 2, 2023.

3. A subjetiva arte de (vi)ver a cidade: perspectiva sob duas rodas.

Autoria: Vitor Viana Soares Ng

Os grandes centros urbanos acabaram por se tornar grandes moedores de pessoas, de sonhos e perspectivas de um futuro tranquilo, principalmente sob um modelo econômico e social que nos força a uma transformação quase que mecânica do pensamento e de comportamento físico, de tal forma, olhar para esse mesmo centro urbano, que aqui me refiro mais especificamente sobre o Recife, se tornou motivo mais de tristeza e revolta do que de apreciação. Contudo, por trás de toda insatisfação com o que a cidade nos apresenta, ela “esconde” verdadeiras paisagens de beleza natural e construída, só que muitos de nós não sabemos onde encontrá-las.

Durante muitos anos da minha vida, o principal meio de transporte que utilizei diariamente, junto com mais de 710 mil recifenses foi o ônibus (G1.globo.com, 2022). Um modal que tem como objetivo transportar um grande número de pessoas do ponto A ao ponto B, por meio de rotas pré-determinadas. Na sua concepção, o transporte público tem uma ideia muito boa, pois se espera que tenhamos mais acessibilidade e mobilidade com os grandes deslocamentos que algumas linhas podem fazer, colocar em prática uma política de redução de emissores poluentes, já que é possível transportar uma grande número de pessoas e assim poderíamos reduzir o número de carros particulares nas vias, além de trazer uma equidade social, dando o direito de deslocamento àquele que não tem condições de um veículo próprio. Porém, na prática, a realidade é bem diferente do que se espera, já que a quantidade de linhas em bairros periféricos e afastados dos centros urbanos é bem reduzida, por apresentar uma baixa oferta de veículos e um serviço aquém, impulsiona ainda mais o uso de veículos particulares, e o valor da passagem, que sobe periodicamente, consome 15% do salário-mínimo do trabalhador brasileiro (Soares, 2023).

Diante dessa problemática, a três anos, por necessidade e por questões de saúde física e mental, decidi que só iria me deslocar pela cidade com a bicicleta, conseguindo fugir da maior parte dos problemas que fazem parte do trânsito da cidade do Recife e de grandes centros urbanos como um todo. Com o tempo, me fui

permitindo explorar novas rotas para chegar aos destinos, buscando caminhos até então nunca visitados, além de poder olhar para cima e para os lados de um jeito menos preocupado e tensionado, mas sim com um jeito de contemplação e observação da cidade, algo que nunca fora possível por estar sempre com a mentalidade de alguém que até então só andava de transporte público e particular.

Como aponta Illich (1973), o indivíduo perdeu a percepção da sua relação com o espaço-tempo, que ela foi objeto de uma “distorção industrial”, que remete ao processo de repetição do trabalho, dessa rotina de acordar, trabalhar, estudar, produzir, dormir e assim repetir o ciclo diariamente. De tal forma, só se enxerga como um simples usuário do transporte público que o leva até o seu destino, e não mais como um indivíduo pertencente ao espaço em que vive. Citando-o diretamente, “esquece que é o homem que cria o território com seu corpo, e assume por território o que não é mais que uma paisagem vista através de uma janela por um ser amarrado a seu banco” (Illich, 1973, p.15).

A transformação do indivíduo em usuário consumidor e não mais como um cidadão, faz com que a ideia de pertencimento seja deixada de lado, tornando o espaço ao redor, a cidade onde se vive, as relações criadas durante a vida, sejam meras “distrações”. Quando pude perceber, através da bicicleta, que o meu lugar como cidadão dessa cidade é onde eu ocupar, a sensação de pertencimento mudou, deixou de ser a indiferença e se transformou em luta pelo espaço. “A identidade gera o sentimento de pertencimento, a referência que nos orienta enquanto cidadãos” (Lerner, 2010, p.18) e diante disso, nos espaços urbanos, se reflete nas conexões que criamos com a cidade. E o que trouxe à tona essa perspectiva foi poder circular pela cidade no tempo e nas condições de minha vontade, podendo passar por uma rua mais arborizada no bairro das Graças e me proteger do sol, podendo cruzar a ponte que liga a Vila Santa Luzia e o Parque Santanna para poder acessar e utilizar um equipamento público, andar pela Avenida Beira Rio e apreciar as construções de diversos arquitetos influentes para a arquitetura recifense, sentir o vento no rosto enquanto circulo pela Avenida Boa Viagem, atravessar aos domingos a Ponte Governador Paulo Guerra e me encantar com a vista da cidade do Recife.

Todas essas partes, além da praticidade e o ganho na qualidade de vida, pelo ganho de tempo e economia. O deslocamento por meio da bicicleta pode ser sim uma saída para fugir dessa rotina exaustiva que faz parte de uma grande parcela da sociedade, que por muitas vezes toma em torno de 2 à 4 horas do dia, dependendo de onde ela sai e para onde ela vai, porém não é a solução esperada a nível coletivo.

Por mais que o começo desse texto parecesse um “ataque” ao meio de transporte coletivo, apresentando suas falhas e apresentando um novo meio de deslocamento na cidade, ele acaba por ser também uma defesa ao verdadeiro significado do que um transporte público deveria ser. Gratuito, acessível e universal. Então, enquanto o interesse de um pequeno grupo de pessoas que detém o controle das decisões sobre como, quando e quem pode/deve utilizar o ônibus, não será possível esse modal ser usufruído pelos cidadãos, fazendo que diversas pessoas, assim como eu, recorram a meios alternativos de deslocamento pela cidade.

Referências Bibliográficas

G1.GLOBO.COM. **Usada por 83% dos passageiros de ônibus, tarifa do anel A vai custar R\$ 4,10 a partir de domingo; veja tabela.** 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/02/11/usadas-por-83percent-dos-passageiros-de-onibus-tarifas-do-anel-a-vao-custar-r-410-a-partir-de-domingo-veja-tabela.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2023.

SOARES, Roberta. **Brasileiro gasta 15% do SALÁRIO MÍNIMO com o TRANSPORTE PÚBLICO.** 2023. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/mobilidade/2023/05/15452479-brasileiro-gasta-15-do-salario-minimo-com-o-transporte-publico.html>. Acesso em: 07 set. 2023.

LERNER, Jaime. Prólogo. *In*: GEHL, Jan. **Cidades para pessoas.** 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

ILLICH, Ivan. **Energia e equidade.** 2. Ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

4. **O ato de fotografar o esquecimento.**

Autoria: Giovanna Barros Magalhães Numeriano

Recife, cidade revolucionária, habitada por um povo resistente e romantizada pelos criativos. Seja como palco para personagens fictícios que vivem romances que parecem reais ou como cidade real para histórias inventadas através dos roteiros de uma diretora excêntrica.

Com diversas faces que preenchem uma mesma silhueta, a cidade centenária segue brilhando e ocupando seu espaço como inspiração dos criativos. Seu traçado carregado de histórias que nos deixam esbaforidos e encharcados de contos de suor e sangue, revela um ponto inicial nos primeiros desenhistas que vivenciaram a faísca urbana nascendo. Inicialmente retratada na década de 1730 por engenheiros em raros exemplos cartográficos, sua representação em papel se inicia. Mas é apenas em 1820 que temos a primeira litografia da cidade, por Alberto Secretan.

Porém, a arquitetura e vida cotidiana da cidade é fixada na história de forma meticulosa nas cromolitografias do alemão Emil Bauch, sob o título de "Souvenir de Pernambuco". Bauch, cuidadosamente, consegue captar e retratar estradas de terra, roupas da época, eventos importantes com sua iconografia humana que não deixa a desejar. O artista também captou a arquitetura da cidade, desde suas pontes singelas e rochas que beiravam os rios, até os protótipos de calçadas. Assim, nos deixando a fisiologia de uma cidade e um retrato de seu dia a dia enérgico que observamos no movimento dos transeuntes.

Mais à frente temos os traços confiantes e certos de Franz Post, que capturou o início da Cidade do Recife que, hoje, através de nossas lentes, as preenchemos com cores, detalhes, movimento e vida. Ao congelarmos um fragmento da cidade com nossos retratos, fica evidente como a mesma é vivaz e célere - o que parece contraditório, mas Recife tem vida em cada curva de um adorno de gesso, cada vértice de um plano de concreto que se ergue para receber os raios de sol de uma cidade que tem vida até em suas sombras, suas construções monumentais que parecem se ficar ao chão com uma certeza incerta de que ali se encontrará até o fim dos tempos parecem revelar cada momento da nossa história enquanto povo

batalhador.

Mais a frente, a partir da década de 1840, passam a surgir álbuns de vistas da cidade, englobando sua população e arredores emergentes. A fotografia passa a se enamorar da paisagem da cidade do Recife por volta da segunda metade do século XIX, ganhando espaço entre as demais técnicas já utilizadas, como os desenhos e pinturas a óleo e aquarelas. E é através dela que a memória de uma cidade se conserva, se guarda e se revisita. Ao capturar suas construções - sejam elas novas e recém pintadas, sem rachaduras em sua fachada ou em sua milésima camada de tinta e pichação com uma planta sorrateira nascendo mediante abandono - temos em mãos um pouco da cultura da época, da memória, dos costumes, da história. Em especial na cidade do Recife, onde o descaso diante de construções históricas marca a paisagem, o ato de enquadrar um recorte da história e lembrar sua importância, quase se torna uma rebeldia.

5. **Obra à Lente: A Simbiose entre Arquitetura e Fotografia na Narrativa Urbana do Brasil.**

Autoria: Liliana de Souza Adrião

A colaboração harmoniosa entre fotografia e arquitetura, cultivada desde a invenção desta última no meio do século XIX, tem sido um tema recorrente em publicações que constituem referências fundamentais para o estudo tanto da arquitetura quanto da fotografia. O meio fotográfico, mesmo quando filtrado pela lente do autor, serve como um dos canais de comunicação mais eficazes. Enquanto desenhos técnicos e textos têm alcance limitado, a fotografia confere aos objetos um senso de realidade, essencial para compreender a compreensão espacial. Para o campo da fotografia, arquitetura e cidade são temas extremamente atraentes, formando um reino inesgotável de investigação que permite experimentação e constante renovação de linguagem.

A narrativa histórica situa essas obras dentro do amplo processo de modernização e na formação do patrimônio do país. De acordo com o historiador José Lira, a arquitetura desempenhou um papel decisivo na construção de uma identidade nacional, pois ficou entrelaçada com a consolidação institucional da ideia de patrimônio cultural no país. Resultantes da interação entre condições locais, sejam climáticas ou construtivas, e o corolário moderno de mestres estrangeiros, especialmente Le Corbusier, esses bens culturais formam uma coleção que permite a recuperação de aspectos importantes na formação da disciplina arquitetônica no Brasil.

Foi durante esse período que ocorreu a institucionalização da profissão, marcada pela criação do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA) e pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) no início da década de 1930, além da autonomia do ensino de arquitetura na metade da década de 1940. Ao contextualizar esses bens dentro de uma coleção maior de obras contemporâneas de todo o país, Lira confere a eles sua significância histórica. No meio desse contexto está a noção de "olhar", que abrange diversas interpretações: direcionar o olhar; observar com atenção; confrontar, considerar; encarar; estar diante. Nesse cenário, a figura de Leonardo Finotti se destaca como um exemplo atuante na área de arquitetura e

fotografia no Brasil. Suas imagens capturam não apenas a estética arquitetônica, mas também a “alma” das construções, preservando sua integridade histórica e estética. Através de suas lentes, Finotti perpetua momentos e detalhes que podem escapar ao olhar casual, enriquecendo a compreensão da arquitetura como expressão cultural e social.

Compreender as características da imagem fotográfica tornou-se cada vez mais essencial em um mundo dominado pela informação visual. Nossa percepção é influenciada por diversos meios, como revistas ou mídias sociais, onde o acesso fácil é garantido. A multiplicidade de imagens que encontramos diariamente nos obriga a uma seleção rigorosa da informação com base em nosso conhecimento na área. Como arquitetos, nossa imaginação arquitetônica é enriquecida por imagens criadas por fotógrafos que capturaram com habilidade as obras mais significativas. Por meio de sua disseminação, a fotografia efetivamente destacou a relação íntima que compartilha com a arquitetura.

Explorando o tema de Brasília sob a ótica do fotógrafo Gautherot, é possível perceber que suas imagens não apenas exibem qualidades técnicas e estéticas, mas também demonstram um claro compromisso com a documentação histórica. Esse comprometimento se reflete na coesão da linguagem visual que ele escolheu. Gautherot habilmente coordena elementos como enquadramento, perspectiva, profundidade e o jogo de luz e sombra para desvelar o patrimônio arquitetônico presente na cidade. Suas fotografias capturam tanto as estruturas por dentro quanto por fora, sugerindo uma sequência de abordagens: começando com a contextualização das peças, passando para os espaços interiores e finalmente destacando detalhes específicos.

Algumas vezes, a complexidade da vegetação atual ou a densidade das estruturas podem dificultar a captura completa desses elementos arquitetônicos, gerando uma sensação de notável desafio. Ao contrastar essas imagens com as da época da inauguração da cidade, emerge um cenário surpreendentemente diferente, impactando a percepção de escala e proporção. Isso ecoa nas primeiras obras que discutiram a arquitetura moderna brasileira, como "Brazil Builds" de Kidder Smith e Philip Goodwin (1943) e "Modern Architecture in Brazil" de Henrique Mindlin (1956).

As fotografias tiradas por Gautherot, junto com as contribuições de Peter Scheier e Thomaz Farkas, durante o final dos anos 1950 e a década seguinte, se destacam como testemunhos visuais altamente relevantes do processo de construção da nova capital. Gautherot incorpora a perspectiva humana na grandiosidade das construções monumentais, trabalhando em sintonia com o conceito da linha do horizonte, fundamental no projeto de Lúcio Costa. Por meio de suas composições, Gautherot apresenta imagens que vão além do comum, usando sombras, luz, perspectivas e ações humanas de maneira orquestrada, criando assim obras que se assemelham a verdadeiras expressões artísticas.

A influência de Le Corbusier em seu trabalho é notável para ambos os fotógrafos. Marcel Gautherot afirma que "fotografia é arquitetura... Alguém que não entende de arquitetura não consegue produzir uma boa fotografia." Por outro lado, o arquiteto suíço-francês Le Corbusier afirmou que "arquitetura é invenção." No contexto das exposições em que as fotografias arquitetônicas de Gautherot foram apresentadas, a beleza estética e a escala das imagens eram elementos de um espetáculo concebido principalmente para destacar a qualidade técnica e estética da arquitetura moderna brasileira. Nesse ambiente, a ilusão de profundidade era desejável - um código facilmente compreendido por espectadores preparados para ver cada pintura ou fotografia como uma janela.

"A cidade não é apenas um lugar; é a moldura de uma vida, a base da memória." Nessa citação do romance "Passageiro Freqüente," de Mia Couto, a reflexão se estende até mesmo para os prédios e casas de linhas retas erguidos entre as décadas de 1950 e 1970 em Recife, que revelam através de suas fotografias a firmeza da desenvoltura arquitetônica do ideal moderno. O padrão arquitetônico era mais artesanal, com casquilhos de tijolos e azulejos decorativos que contrastavam com as superfícies brancas e as esquadrias de madeira. Os profissionais se permitiam mais ousadia no aspecto artístico. É crucial mudar nossa perspectiva em relação à importância dessas obras como expressões culturais de arquitetos e urbanistas pernambucanos, contribuindo assim para a identidade de nossa paisagem urbana. Essa produção possui um significado singular, pois não apenas adere a princípios universais da arquitetura moderna, mas também inaugura uma nova maneira de pensar sobre a arquitetura, ancorada principalmente no que

reconhecemos hoje como arquitetura bioclimática, bem adequada para as condições tropicais, como eloquentemente expresso por Armando de Holanda.

Na intrincada relação entre as lentes fotográficas e as linhas arquitetônicas, desponta a parceria íntima entre arquitetura e fotografia como um elo crucial na narrativa da evolução urbana e estética do Brasil, com destaque especial para o contexto singular de Recife. Através dessa simbiose, se constrói não somente um registro visual das transformações arquitetônicas, mas também um tecido de memórias que funde a visão do passado com a perspectiva moderna. O ato de fotografar revela a cidade não apenas como um cenário estático, mas como um palco vivo, onde passado e presente dialogam e convergem, constantemente renovando a paisagem urbana. Fotografar equivale a dizer ao tempo que sua passagem é resistida, um testemunho que perdura nas imagens capturadas.

6. A importância da fotografia para o urbanismo

Autoria: Nancy Siqueira Nery

O objetivo desse documento é de apresentar a fotografia como um instrumento de trabalho do arquiteto urbanista. Considerando a sua capacidade de apresentar realidade da vida urbana.

A fotografia desempenha um papel significativo na área do urbanismo por inúmeras razões importantes. Ela contribui para a compreensão, documentação, planejamento e promoção de áreas urbanas. A fotografia e apresenta o registro da evolução das cidades, suas belezas e as mazelas da vida urbana, ao longo dos séculos.

A fotografia enquanto documentação histórica:

É uma ferramenta poderosa para documentar a evolução de áreas urbanas ao longo do tempo. Ela permite que arquitetos, urbanistas e historiadores registrem as mudanças na paisagem e as transformações do uso e ocupação do solo e as suas implicações na vida das pessoas. A documentação fotográfica histórica é um instrumento de preservação da memória das cidades, do ambiente construído que rebate diretamente no cotidiano das pessoas. As figuras abaixo são fotografias da cidade de Londres no século XIX. Nos mostra o sistema de mobilidade, a relação das pessoas com a ura a dinâmica da vida emoldurada o pelos edifícios

Figura 1 – Ruas de Londres no século XIX



Fonte: [gettyimages.com](https://www.gettyimages.com)

Fotografia para o Planejamento urbano:

É uma ferramenta que possibilita avaliar, pelo registro da realidade. O planejamento urbano necessita da caracterização da realidade, do presente, para propor o futuro. Identificar e registrar as catástrofes, guerras ou acidentes naturais, que resultaram em graves problemas de infraestrutura e transporte e moradia, nas cidades, possibilitou e dá condições analisar os impactos de projetos de revitalização ou expansão urbana. A fotografia fornece dados visuais que contribui efetivamente na tomada de decisões.

As figuras abaixo mostram fotografias que registraram a realidade de cidades no pós-guerra, século XX e cidades devastadas por um Tsunami. A necessidade de recuperação comprovada pelas imagens possibilitou o planejamento com planos de transformação.

Figura 2 - Cidade da Alemanha pós segunda guerra



Fonte: [Silêncio sob ruínas: os bombardeios aliados na Segunda Guerra \(cafehistoria.com.br\)](#)

Figura 3 - Indonésia, Dezembro de 2018



Fonte: [veiculosdahora.com.br](#)

A fotografia como instrumento de Conscientização:

É uma maneira eficaz de comunicar questões urbanas para a sociedade em geral. Registros Fotográficos de áreas degradadas, com baixa qualidade de vida para seus habitantes, problemas de tráfego, com a mobilidade comprometendo a rotina das pessoas, falta de acessibilidade excluindo cidadãos da vida das cidades, a poluição desmedida pondo em ricos a saúde milhares de vidas devem ser usadas para criar conscientização. A fotografia tem esse poder. Os graves problemas urbanos afetam a todos, ricos e pobres, mas são agravados nas periferias sem infraestrutura. Expor essa situação através das imagens inquieta e provoca a todos. As figuras abaixo mostram a realidade de crianças que vivem em locais sem infraestrutura de esgoto e pessoas que vivem nas ruas, por falta de moradia. Essas imagens alertam para a

ausência de dignidade de vida de parte da população humana.

Figura 4 - Morador de rua, Minas gerais



Fonte <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais>

Figura 5 - Crianças brincando com esgoto no Rio de Janeiro



Fonte: <https://revistainternacionaldoconhecimento.wordpress.com/>

A fotografia como instrumento de Marketing e promoção:

É uma ferramenta muito usada para promover as cidades e atrair investimentos.

Tem o turismo como principal beneficiado, enquanto os impactos elevados da

Figura 6 e 7 - Paris em transformação para as olimpíadas de 2024



Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/paris-2024>

l anos de preparação para as olimpíadas de 2024.

A fotografia como instrumento Pesquisa e análise:

A análise de fotografias urbanas pode revelar padrões de comportamento humano, movimento de pedestres e automóveis, uso de espaços públicos, inquietações sobre a passagem urbana, desconfortos em relação a poluição, dificuldades nas relações de vizinhança etc. Essas leituras através das fotográficas facilitam o estudo do comportamento humano sobre o urbano e devem influenciar os novos desenhos da cidade e seus de espaços públicos. As figuras abaixo mostram conflitos entre pedestres e automóveis e ainda a dificuldade de vida numa cidade poluída.

Figura 8 - Conflitos entre pedestres e automóveis



Fonte <https://www.klazz.com.br/>

Figura 9 – Poluição urbana



Fonte <https://www.preparaenem.com/geografia/problemas-ambientais>

Fotografia como instrumento de Avaliação de qualidade de vida:

Pode ser usada para avaliar a qualidade de vida nas cidades, identificando áreas vulneráveis que precisam de melhorias, como áreas verdes que precisam de

proteção, identificação de espaços ociosos e carentes de instalações recreativas, iluminação pública e segurança.

O registo fotográfico dos graves problemas urbanos consegue revelar o nível de qualidade dos lugares. Com o registo da realidade através da fotografia o mundo se revela e dá chance de rever atitudes sobre o espaço da cidade.

Figura 10 – Trânsito em São Paulo



Fonte: <https://sicflux.com.br/blog/qualidade-do-ar-em-centros-urbanos>

Figura 11 – Moradia urbana a margem de um canal



Fonte: <https://sicflux.com.br/blog/qualidade-do-ar-em-centros-urbanos>

Conclusão

A fotografia é capaz de nos transportar para lindos lugares, de fazer sonhar e desejar. Para o urbanismo vai além do belo e do sonho, chama atenção para a realidade de vida nas cidades e pela necessidade de transformação.

Referências

ABREU, Marta Maria Pedro. **Representação e comunicação de arquitetura através da fotografia**. Porto, Universidade Lusíada do Porto, 2012. Disponível em: . Acessado em 13 dez. 2018.

BEJA, Frederico da Costa Lopes Vaz. **Fotografia e arquitectura: 3 fotógrafos para 3 arquitectos**. Lisboa, Universidade Lusíada de Lisboa, 2017. Disponível em: < <http://repositorio.ulusiada.pt/browse?type=subject&value=Luz+na+arquitectura>>. Acessado em: 22 set. 2018

MASCARO, Cristiano. **Por Trás da Foto: Cristiano Mascaro e o aprendizado de olhar as cidades além da realidade**. In: Revista Zum (Online), Instituto Moreira Salles, 2017. Disponível em: . Acessado em 08 dez. 2018

Fontes, Adriana Sansão. **Urbanismo tático: X ações para transformar cidades**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2021.

NERY, Katherine de Vargas, **Arquitetura e Fotografia: Seis Relações** Trabalho Final de Graduação apresentado como requisito para a conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba sob a orientação do Prof. Dr. Márcio Cotrim Cunha. João Pessoa/PB Maio de 2019

PALLASMAA, Juhani. **A Imagem Corporificada: imaginação e imaginário na arquitetura**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

7. As belezas e feiuras do Recife

Autoria: Pedro Paulo Viana Figueiredo

Ao escrever esse texto direcionado para a temática específica da amostra fotográfica “Recife sob minhas lentes”, e refleti-lo a partir da Psicologia Social, meu campo de inserção e produção acadêmica, decidi remeter a duas memórias distintas sobre minhas reflexões a respeito do que a Cidade do Recife me faz sentir e que aportes a Psicologia pode trazer para compreender essa questão. Tais memórias vão se referir a alguns conceitos que discutirei sobre a inter-relação pessoa-ambiente, foco da Psicologia Ambiental.

A primeira, diz respeito aos idos de 2008 enquanto fazia o Mestrado em Psicologia. Tínhamos em nossa turma colegas de outros estados que estavam conhecendo Recife pela primeira vez. Passeando com esses colegas pela região central do Recife – Boa Vista, Recife Antigo etc. – me impressionei com a conclusão de uma colega, que olhava de um canto a outro com uma expressão esquisita, na qual conclui: “Nossa, Recife é linda, mas fede muito”. Naquele momento, me dei conta de como todo aquele odor – de lixo na rua, de mangue, de dejetos no Recife Antigo – já estavam saturados para mim, ao ponto de não mais percebê-los.

A segunda, dessa vez no final do ano de 2011, foi quando recebi em minha casa colegas paulistas que lá faziam o doutorado⁸ comigo, e que estávamos todos aqui para um congresso que aconteceria na UFPE. Chegaram à noite e, no dia seguinte, ao estarmos andando na rua para ir ao evento, um outro colega não parava de olhar para o céu. Tirava os óculos escuros, olhava... punha novamente, olhava... Estranhando aquele movimento, pergunto “o que danado você tá vendo tanto?”, e ele me responde “Nossa, aqui o céu é azul!”. Para quem vem de São Paulo capital e não tinha saído de lá até então, e para quem nunca lá foi ter alguma ideia, o que se olha no céu “de lá” é um constante cinza-poluição mesmo nos dias mais limpos.

O modo como vivenciamos nossas cidades de origem e nos sentimos pertencentes a elas, vêm de um sentimento de enraizamento com aquele lugar, que costumamos

⁸ Meu doutorado foi realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, entre os anos de 2010 e 2014. *HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo*, v. 18, n. 1 (2024). ISSN: 1517-7602

chamar de apego ao lugar (Elali e Medeiros, 2011). Esse sentimento envolve tanto as características físico-espaciais daquele lugar, como os significados afetivos e simbólicos que atribuímos a ele. Nesse sentido, os dois exemplos anteriores me fizeram pensar na dimensão simbólica que envolve meu enraizamento com a Cidade do Recife, ou seja, a como minha origem nesse lugar e a minha relação com ele influencia o modo como eu compreendo e ajo na cidade. Não percebo o fedor com frequência, não me dou conta de como o céu é limpo e azul – a não ser que, por contraste, vá em outra cidade que feda menos (ou mais), ou que o céu esteja sempre ofuscado, como foi minha experiência de morar em São Paulo.

O ambiente da cidade que eu vivencio não é o mesmo que um/a forasteiro/a vivencia. Mais ainda: o ambiente que eu vivencio não é o mesmo que você, leitor/a desse texto, vivencia. Nossa experiência da cidade não é a mesma. E isso fala sobre como na construção de nossa subjetividade, nossa identidade de lugar (Mourão e Cavalcante, 2011) é construída de maneira diferente. Por identidade de lugar, quero dizer dessa subestrutura da identidade do eu construída na relação com o entorno sociofísico em que a singularidade de cada pessoa é forjada, sendo a subjetividade o que diz respeito ao nosso mundo interno, o nosso espaço psíquico, lugar onde acontecem as emoções, os sentimentos e também as percepções, a imaginação e a memória.

Como afirma Botton (2006), nossas identidades estão associadas ao lugar em que vivemos de maneira inequívoca e, ao mesmo tempo, são moldadas e transformada por ele. Do mesmo modo que a nossa vida cotidiana é apresentada como uma realidade da qual nos apropriamos subjetivamente para atribuir sentido à mesma (Berger e Luckmann, 1990), as cidades nos oferecem valores culturais materializados tanto em suas construções, sua organização urbanística, como nas sociabilidades exercidas a partir das mesmas. O ambiente tem influência decisiva na constituição de nossa subjetividade.

É importante delimitar que o que aqui estamos conceituando como ambiente, refere-se tanto a seus aspectos físicos (se o ambiente é construído ou é “natural”⁹), quanto a seus aspectos sociais (o contexto sócio-histórico que nos encontramos influencia a

⁹ Por “natural”, estamos compreendendo os ambientes com o mínimo de intervenção humana como, por exemplo, um bosque, uma floresta, trechos de litoral ainda não urbanizados etc.

maneira como nos relacionamos com os ambientes). E, nesse sentido, Recife me encanta com suas pontes, seus rios e seus parques. Moro na Madalena próximo à Beira Rio e poder ver o Capibaribe todo dia é um privilégio. Desde que minha filha Alice nasceu, um de nossos passeios preferidos é ir ao Parque do Baobá e passear de barco saindo de lá. Trata-se de uma memória afetiva que é construída na e a partir da cidade, que faz com que hoje ela também tenha apego aos parques – o preferido dela é o Parque Santana – e queira estar lá sempre que possível.

Figura 1 – Passeando no Capibaribe



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 2 – Parque Santana



Fonte: Acervo Pessoal

Ao registrar a cidade em fotografia, estamos nos apropriando daquilo que para nós é importante naquele momento e que nos provoca alguma emoção. É tomar uma parte daquela cena/cenário e querer levar conosco, pois não é suficiente ficar apenas na memória: queremos registrá-la e guardá-la. Nos processos de apropriação (Cavalcante e Elias, 2011), sentimo-nos pertencentes a um lugar, que é explicitado justamente pelas formas como nos apropriamos dos espaços e dos lugares, seja nos relacionando com eles ou nas relações que estabelecemos a partir deles, seja tendo nossos lugares de referência e preferência na cidade.

Para finalizar, nesse evento espero então ver justamente as maneiras pelas quais os/as participantes se apropriam e registram seus sentimentos e afetos na e da cidade. Que tensões esses registros trazem para si e para aqueles/as que os verão. Teremos diversas versões de uma mesma cidade pois, por mais atravessados que nossas subjetividades estejam em relação a versões otimistas sobre nossa cidade – a terra dos bravos guerreiros e dos altos coqueiros, da pernambucanidade, dos

bairrismos, da riqueza musical –, nossa cidade também tem suas feiuras que nos instigam a querer compreendê-la em sua multiplicidade.

Referências

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

BOTTON, Alain de. **Arquitetura da Felicidade**. São Paulo: Editora Rocco, 2006.

CAVALCANTE, Sylvia; ELIAS, Terezinha F. Apropriação. *In*: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ELALI, Gleice A; MEDEIROS, Samia T. F. Apego ao Lugar. *In*: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOURÃO, Ada R. T.; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de Lugar. *In*: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011

Fotografias expostas no evento

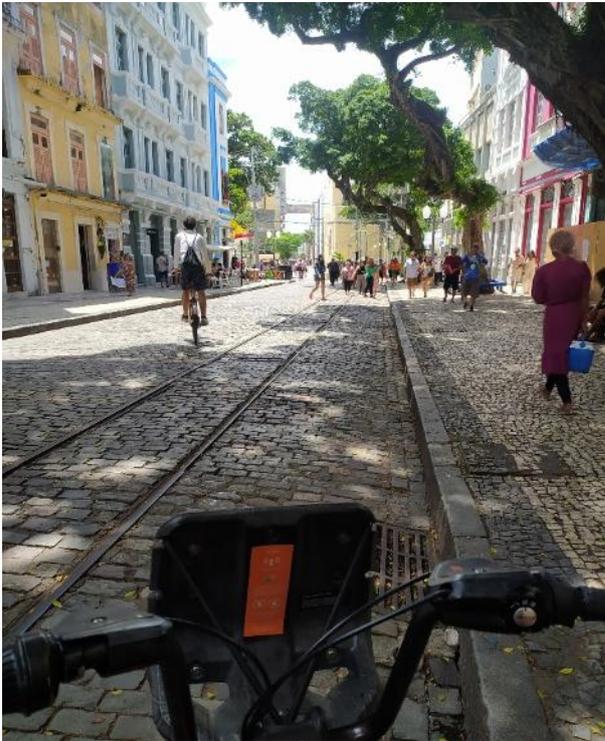


Foto 01: Perspectiva sobre duas rodas

Rua do Bom Jesus, Bairro do Recife.
2023

Autoria: Vitor Ng



Foto 02: Entre o céu e a terra
Brasília Teimosa. Sem data.

Autoria: Gisele Carvalho

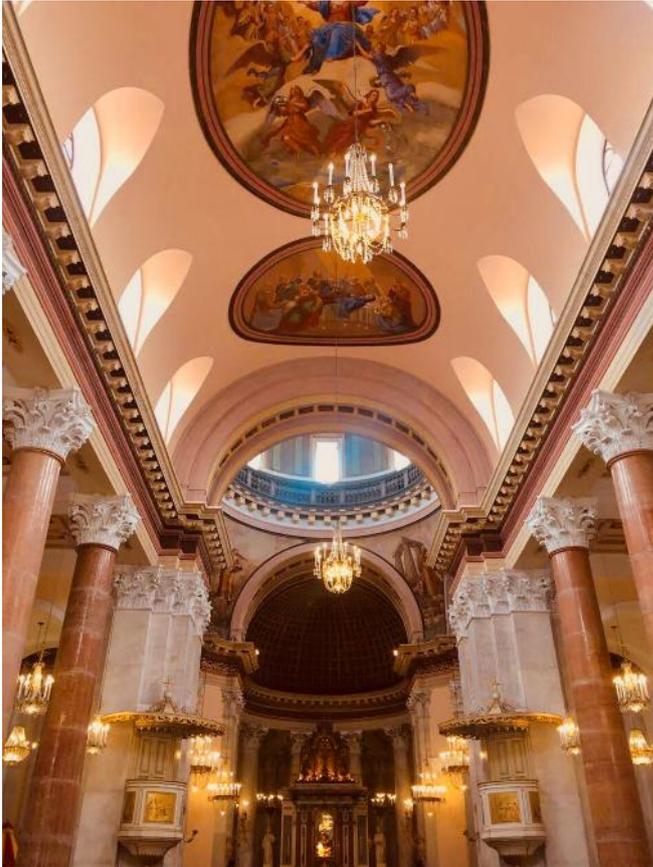


Foto 03: Soberania e majestade
(quem é o soberano?) Parte 01

Basílica da Penha, Bairro de São José. 2020.

Autoria: Marcos Lins

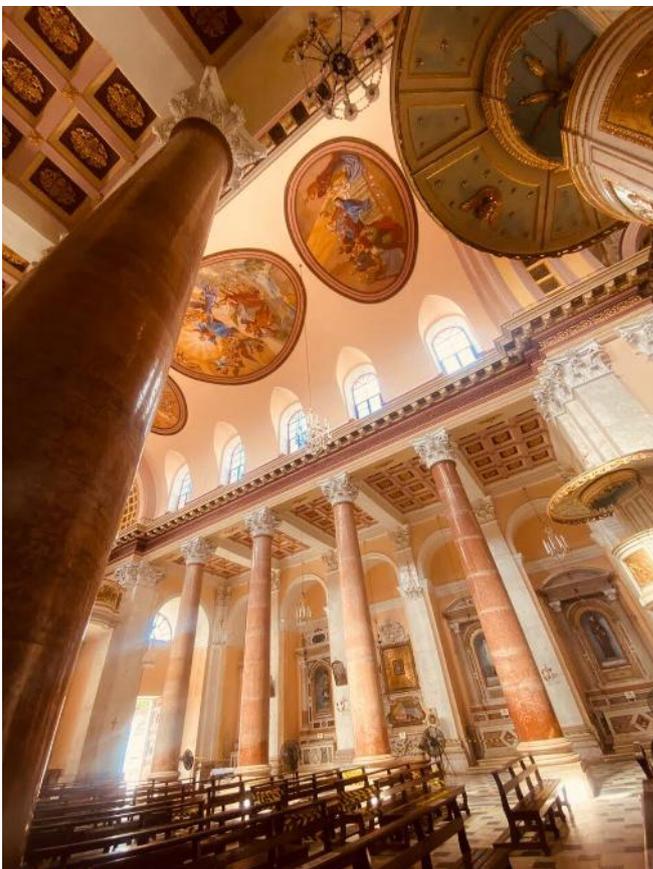


Foto 04: Soberania e majestade
(quem é o soberano?) Parte 02

Basílica da Penha, Bairro de São José. 2020.

Autoria: Marcos Lins



Foto 05: Sem Título

Sem data

Autoria: Israel Araújo



Foto 06: Sem Título

Sem data

Autoria: Israel Araújo



Foto 07: Sem Título

Sem data

Autoria: Israel Araújo

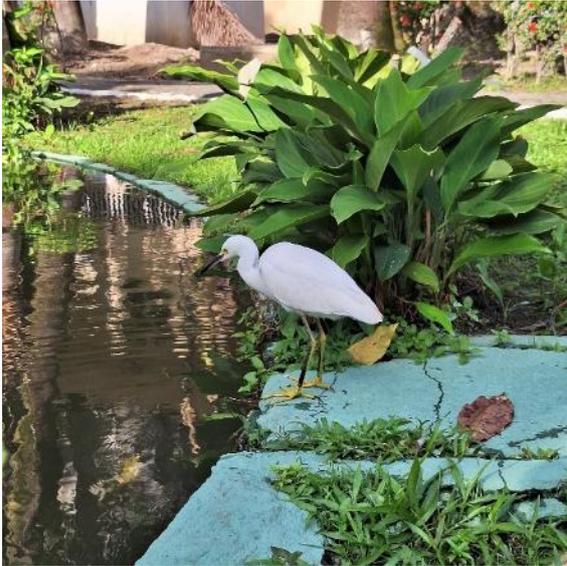


Foto 08: Natureza oculta do Recife (Parte 1)

Universidade Federal de Pernambuco, 2023

Autoria: Rita Duarte



Foto 09: Natureza oculta do Recife (Parte 2)

Universidade Federal de Pernambuco, 2023

Autoria: Rita Duarte



Foto 10: Natureza oculta do Recife (Parte 3)

Universidade Federal de Pernambuco, 2023

Autoria: Rita Duarte



Foto 11: Sem Título

Sem data

Autoria: Carla Pereira



Foto 12: Sem Título

Sem data

Autoria: Carla Pereira



Foto 13: Sem Título

Sem data

Autoria: Carla Pereira



Foto 14: Cais

Cais de Santa Rita, 2021

Autoria: Marcelo Sabbatine

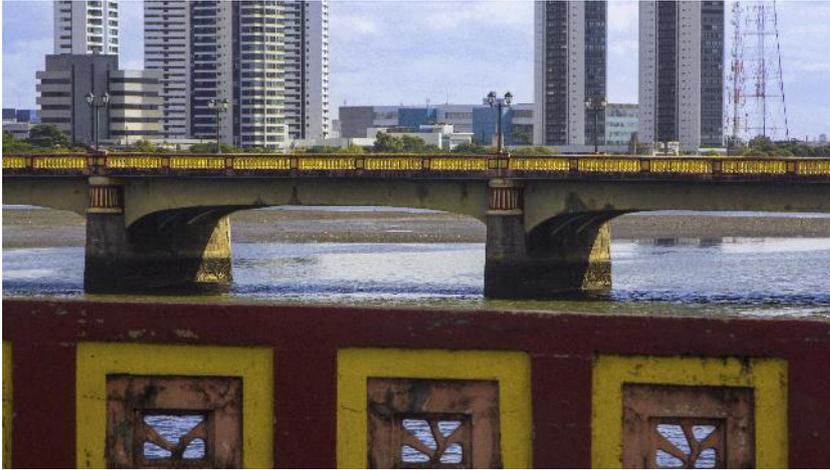


Foto 15: Pontes, rios e overdrive

Ponte Princesa Isabel, Ilha de São José. 2021

Autoria: Marcelo Sabbatine



Foto 16: Patrimônio

Igreja da Madre de Deus, Bairro do Recife. 2021

Autoria: Marcelo Sabbatine



Foto 17: Remando pela sobrevivência

Rio Capibaribe. Sem data.

Autoria: Pedro Augusto



Foto 18: Quanto riso, oh, quanta alegria.

Marco Zero, Bairro do Recife, 2023.

Autoria: Yasmin Batista



Foto 19: Memória de um voo

Rua do Apolo, Bairro do Recife, 2022.

Autoria: Yasmin Batista



Foto 20: Verticalização da Beira Rio
Avenida Beira Rio, 2022.
Autoria: Isabella Azevedo



Foto 21: Encontro na Avenida Boa Viagem
Avenida Boa Viagem, 2023.
Autoria: Isabella Azevedo

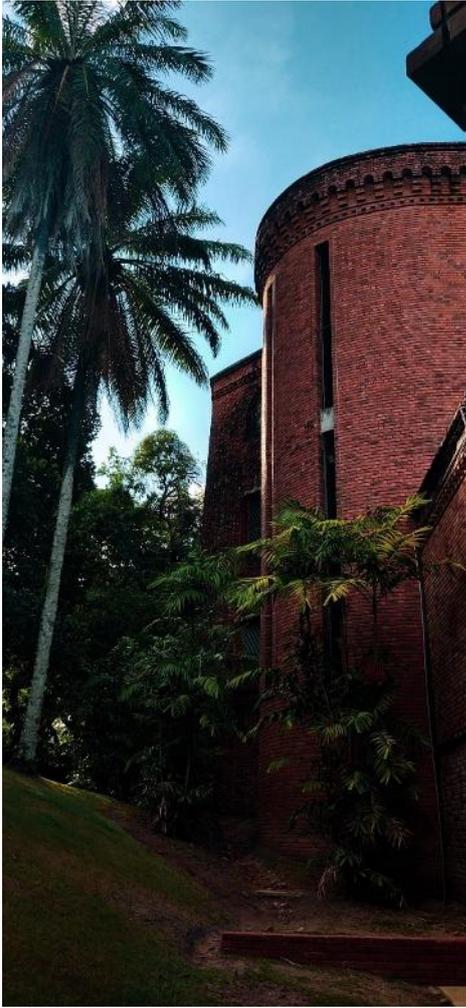


Foto 22: O Castelo de Brennan
Museu Castelo São João, 2020.
Autoria: Isabella Azevedo

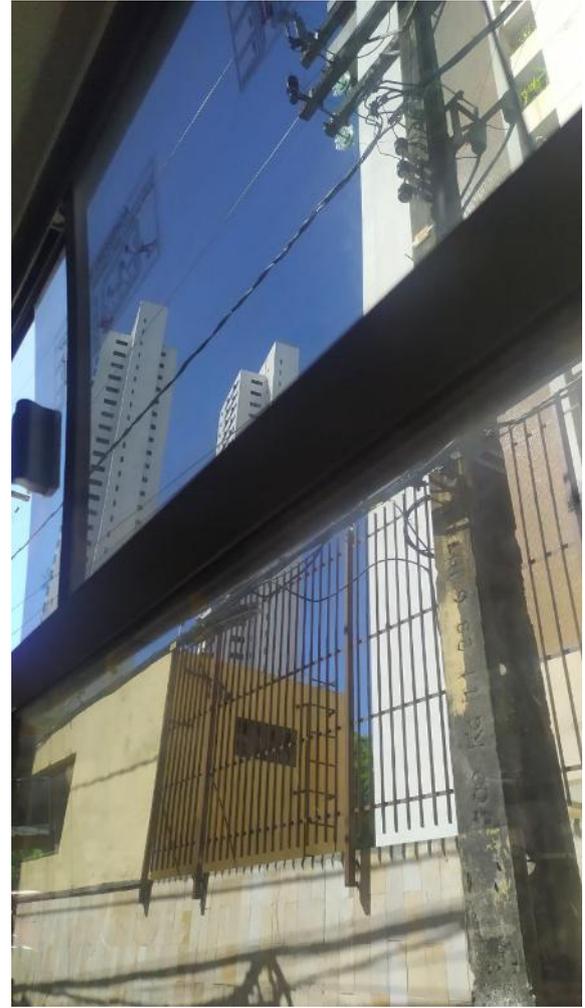


Foto 23: Redescobrimo a liberdade
Recife, 2022
Autoria: Thaís Albert



Foto 24: Sem título

Rua da Aurora. Sem data.

Autoria: Ivson Silva



Foto 25: Sem título

Av. Rio Branco. Sem data.

Autoria: Ivson Silva



Foto 26: Sem título

Viaduto na Av. Norte e Rua do Pombal. Sem data.

Autoria: Ivson Silva



Foto 27: Vejo o Recife Prateado

Pátio de São Pedro. 2022

Autoria: Marília Cavalcanti Farias

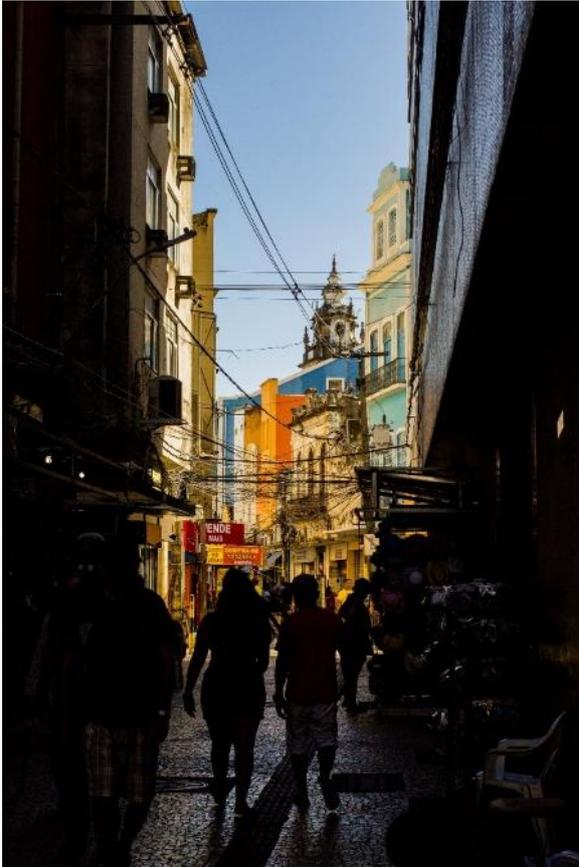


Foto 28: Recife sem mais nada
Bairro de Santo Antônio. 2021
Autoria: Marília Cavalcanti Farias

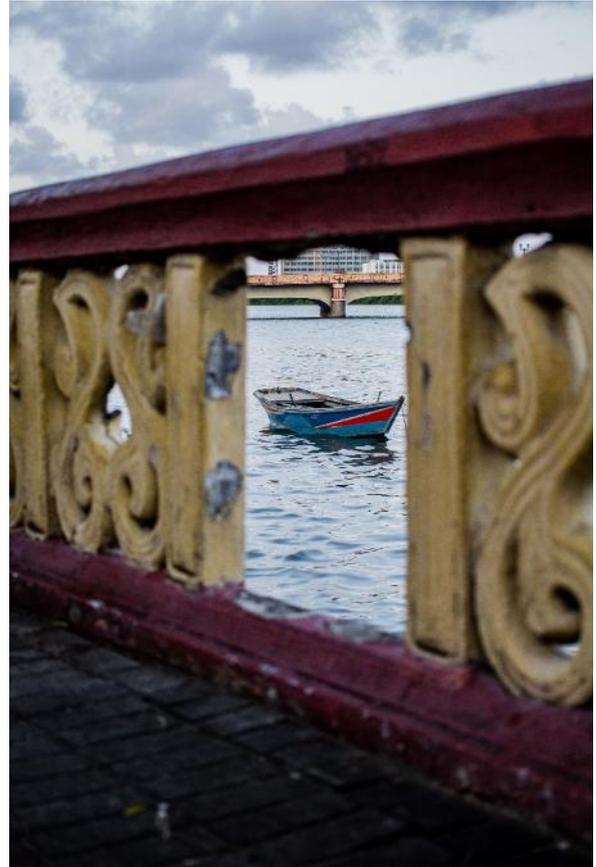


Foto 29: O que há para além do rio
da minha aldeia
Às margens do Rio Capibaribe. 2021
Autoria: Marília Cavalcanti Farias



Foto 30: A casa e a rua

Rua Dois Irmãos,
Apipucos. 2014

Autoria: Cecília Maroja



Foto 31: Pirapama –
“Prédio Bravo”

Boa Vista. 2022

Autoria: Líliana Adrião

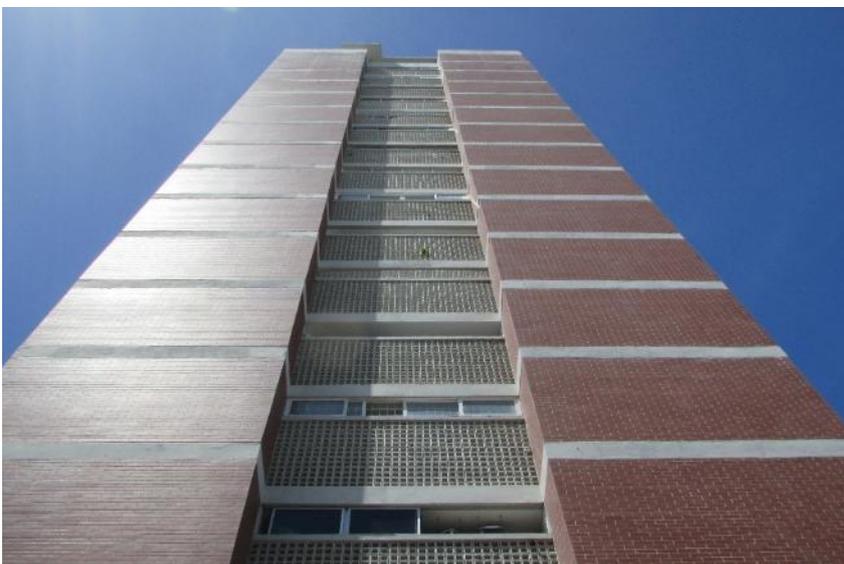


Foto 32: Três elementos e
uma arquitetura – O outro
lado do edifício Barão do
Rio Branco

Soledade. 2023

Autoria: Líliana Adrião

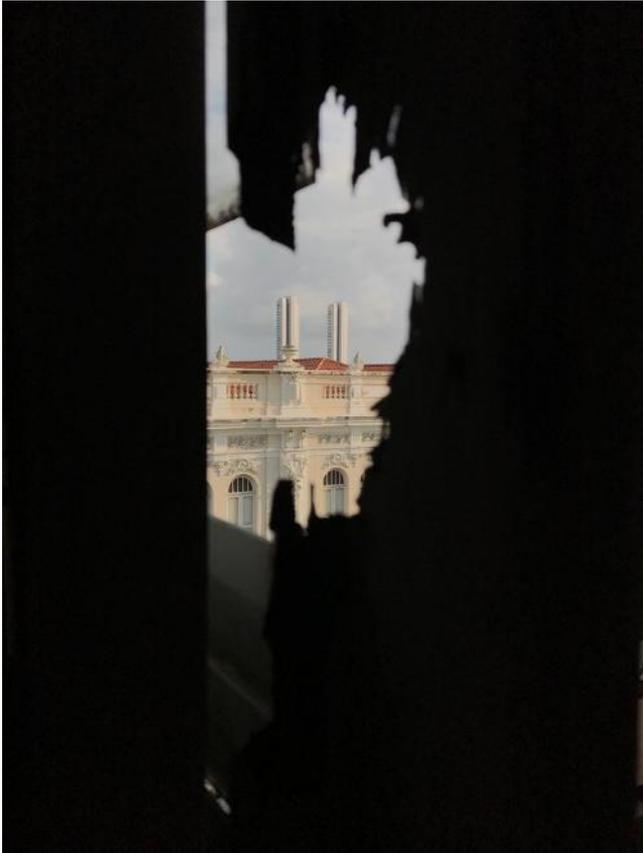


Foto 33: Gêmeas?

Dentro do Edf. Centro Cultural dos Correios. 2021

Autoria: Liliana Adrião



Foto 34: Cotidiano

Próximo ao Caís de Santa Rita.
Sem data.

Autoria: Jede Costa



Foto 35: Esquecimento
Premeditado

Boa Viagem. 2023

Autoria: Giovanna
Numeriano



Foto 36: Skyline: Boa
viagem dividindo a tela
com o bairro de Areias

Areias. 2023

Autoria: Débora Duarte



Foto 37: Em respeito aos
héreis

Sem data.

Autoria: Maria Luiza Souza



Foto 38: Sem título

Sem data.

Autoria: Ana Amélia Barros



Foto 39: Rua-Casa

Rua do Bom Jesus. 2022.

Autoria: Vi Sales

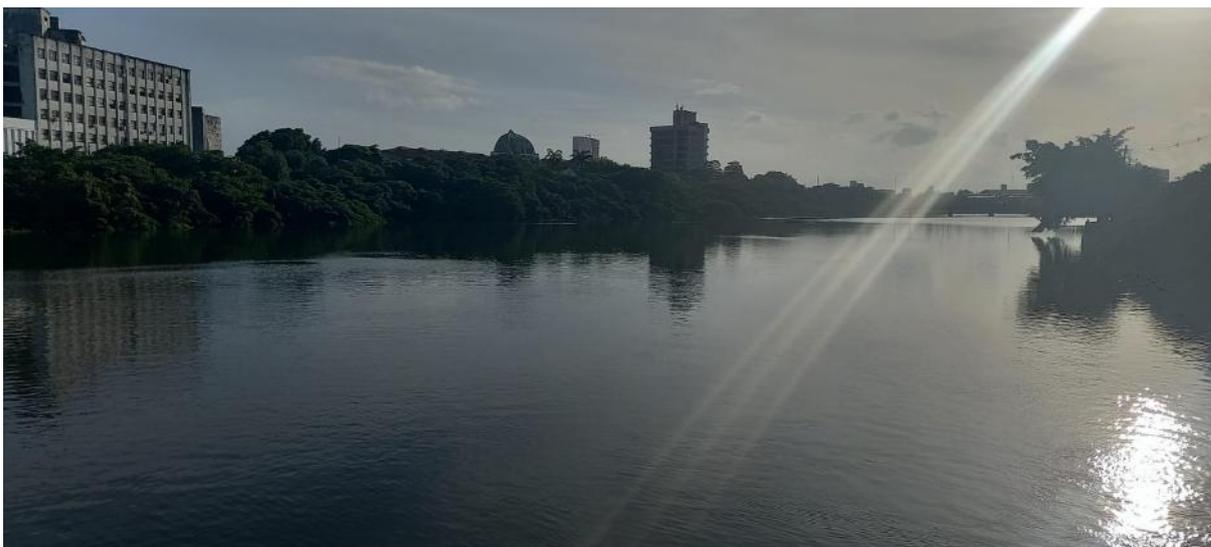


Foto 40 e Poesia: A fotografia do meu lugar
Ponte de Ferro, Bairro de Santo Antônio. 2023
Fátima Costa

Recife e os rios,
Recife em dias de corte,
Recife de morte,
Recife sem sorte.
Recife de faca em punho,
Recife que fere,
Recife que rói a morta carne dos
trabalhadores e pobres.
Recife dos odores de mangues e de
coisas miúdas.
Recife surda,
da muda fala dos ausentes.
Recife dos dementes e dormentes
Recife mente.
Recife promete e sente...
Mente que sente
Recife quente,
Recife das festas do sol,
da rua do sol,
de antigas portas coloridas.
Recife dos carnavais e das
revoluções mortas,
da aceitação torta dos desvios.

Recife diário, solitário,
do morto diário,
de ruas nuas cheirando a abandono.
Cotidiano sono do Recife,
que dorme ao assalto da turba
Recife, na orbe do descaso
Recife manso, sem descanso,
entregue ao ranço pueril na nobreza
canavieira e da casa grande. Recife,
facilmente convertida em torre de marfim
cheirando a ar-condicionado.
Recife fantasma, de favelas, casarões
abandonados e monumentais espigões
'miamidais' que espelham rica orla
marítima convertida em enfeite aos olhos
de quem não a vê.
Recife dos espelhos cegos
Recife, um remanso de mar sem remo
Recife em dia de festa com cheiro de
cravo murcho na lapela, uma cela cujos
presos somos todos nós,
cercados de telas, por elas, as mãos dos
homens cegos que aqui orbitam.

Agradecimentos

Deixamos aqui o nosso mais sincero agradecimento aos convidados e participantes por compartilharem seu tempo e conhecimento conosco. Aos professores convidados - Prof. Dra. Fátima Costa, Prof. Dr. Pedro Figueiredo, Prof. Me. Nancy Nery, Prof. Esp. Liliana Adrião - e o fotógrafo convidado Sandir Barros. Tivemos momentos incríveis nesses dias de evento, muitas experiências marcantes, sorrisos sinceros foram estampados no rosto e muitos conhecimentos novos foram agregados.

Agradecemos especialmente a Faculdade Esuda por apoiar este evento, confiar em nós e acreditar na nossa ideia. Muito obrigado por nos abrirem espaço para construir algo muito maior que um simples evento... nós construímos ali um marco em nossas vidas. Muito obrigado também ao GEIA, por todo empenho em nos auxiliar no processo de produção e realização do evento, especialmente a professora Fátima Costa, por toda sua energia que nos anima e motiva a continuar caminhando sempre.

Por fim, deixamos destacamos o nosso agradecimento à Secretaria de Turismo e Lazer do Recife (SETUR-L) por apoiar este evento, contribuir com o material a ser distribuído em todas as sessões de conversa.